

# O ensino médico além da graduação: iniciação científica

Paulo Manuel Pêgo-Fernandes<sup>1</sup>  
Alessandro Wasum Mariani<sup>II</sup>

O aumento de escolas médicas em atividade no Brasil trouxe à tona a discussão sobre a graduação médica: quais devem ser seus preceitos, qual a metodologia mais adequada e qual modelo curricular deve ser aplicado? Todavia, a formação médica moderna pode e deve ser mais abrangente do que os programas curriculares de cada faculdade normalmente preveem. Discutiremos neste e em editoriais vindouros algumas das atividades chamadas extracurriculares que devem ser cada vez mais estimuladas por professores e instituições aos seus alunos. Começaremos pela iniciação científica.

A iniciação científica pode ser definida como instrumento que introduz os estudantes de graduação na atividade de pesquisa científica. Representa a melhor oportunidade de colocar o aluno em contato direto com a atividade científica e engajá-lo na pesquisa.<sup>1</sup> Na prática, constitui-se de prover apoio teórico e metodológico à realização de um projeto de pesquisa.<sup>2</sup>

Nesta atividade universitária, o estudante tem a oportunidade de aprender por assumir, sob orientação, o papel de pesquisador, exercendo todos os momentos da pesquisa acadêmica: revisão da literatura, delineamento da pesquisa, desenvolvimento prático, escrita acadêmica e apresentação dos resultados em publicações e eventos científicos.<sup>3</sup>

A literatura especializada em educação médica tem dado destaque a este tema a partir dos anos 90, salientando a importância do aspecto científico na formação geral do médico.<sup>4</sup> É consenso que a melhor forma de ensinar o acadêmico a ler e interpretar um artigo científico corretamente, com análise crítica, é através da experiência de desenvolver projetos científicos.<sup>5</sup> Diversas escolas médicas nacionais, a exemplo do que acontecia no exterior, implantaram, sob forma de disciplina, programas de iniciação à pesquisa científica.<sup>6,7</sup>

Apesar da importância, a iniciação científica ainda não é oferecida a todos os alunos de graduação no país. Em dados do Enade 2007, 39% dos alunos informaram existir iniciação científica regulamentar em seu curso; 12% declararam existir, porém, sem regulamentação; 6,5% informaram a existência de iniciação científica sem integralização curricular; 10,9% disseram que não é oferecida e 31% não souberam opinar.<sup>8</sup>

Além da integração da iniciação científica ao currículo da graduação, outro grande incentivo apontado pelos alunos é a possibilidade da obtenção de bolsas que são disponibilizadas para o desenvolvimento de projetos. No Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) figura como a principal agência financiadora através de seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, conhecido como Pibic. Todavia é notório o crescimento da participação de agências estaduais como financiadoras, dentre estas se destacam a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

A presença da bolsa, todavia, não deve ser tratada como fundamental para o desenvolvimento da iniciação científica, que nos dias de hoje passa a ser um dever da instituição e não uma atividade esporádica. Devido à aceleração do desenvolvimento da ciência médica e a constante avalanche de novas informações, a iniciação científica precisa começar a ser realmente considerada um elemento básico na formação do médico. A bolsa de iniciação científica deve, então, ser um incentivo individual como uma forma de financiamento seletivo aos melhores alunos quando estes se encontram vinculados a projetos de pesquisa.

O impacto dos programas de iniciação científica na produção científica nacional não é plenamente conhecido, entretanto, pode ser indiretamente estimado pelo número crescente de artigos publicados estudando esta atividade de ensino e pelo aparecimento de encontros científicos voltados especificamente para essa atividade, como o *Congresso Nacional de Iniciação Científica que já está em sua oitava edição, bem como os congressos desenvolvidos por diversas instituições de ensino. Exemplos: Congresso Médico Universitário da Universidade de São Paulo (USP), o Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (UnB) e o Seminário de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).*

Outro aspecto importante é o crescente interesse do corpo docente em recrutar alunos para iniciação científica. O modelo vigente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior certamente exerce influência, pois encontramos

<sup>1</sup>Professor livre-docente e associado, Departamento de Cardiopneumologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

<sup>II</sup>Médico, pós-graduando da Disciplina de Cirurgia Torácica e Cardiovascular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

nos documentos que descrevem os critérios de avaliação para programas de pós-graduação por duas vezes mencionando a importância dada à iniciação científica pela orientação de alunos. Além disso, programas de incentivo ao docente presentes em diversas universidades brasileiras também acabam valorizando o docente com envolvimento em iniciação científica. Por exemplo, citamos o Vertente A (Programa de Incentivo à Produção Acadêmica) da FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), sob o gerenciamento e responsabilidade da Comissão de Pesquisa da FMUSP; por esse programa, os professores contratados em regime de dedicação exclusiva recebem complementação salarial de acordo com sua produção acadêmica e científica. Esses professores são avaliados anualmente e a orientação de alunos de iniciação científica contabiliza pontos.

## CONCLUSÃO

O interesse pela iniciação científica no Brasil e no mundo tem aumentado tanto nos alunos quanto nos professores e instituições, impulsionado pelo incentivo recebido pelas agências de fomento, pelo modelo de pós-graduação da Capes e, principalmente, pela necessidade cada vez maior de conhecimento científico atualizado para embasar a prática clínica do dia a dia.

## INFORMAÇÕES

### Endereço para correspondência:

Paulo Manuel Pêgo-Fernandes  
 Instituto do Coração (InCor)  
 Secretaria do Serviço de Cirurgia Torácica  
 2ª andar – bloco 2 – sala 9  
 Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 44  
 Cerqueira César – São Paulo (SP)  
 CEP 05403-000  
 Tel. (+55 11) 3069-5248  
 E-mail: paulopego@incor.usp.br

Fontes de fomento: nenhuma

Conflitos de interesse: nenhum

## REFERÊNCIAS

1. Steinert Y, McLeod PJ, Liben S, Snell L. Writing for publication in medical education: the benefits of a faculty development workshop and peer writing group. *Med Teach*. 2008;30(8):e280-5.
2. Fava-de-Moraes F, Fava M. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. *São Paulo Perspect*. 2000;14(1):73-7.
3. Cardoso GP, Cyrillo RJ, Silva Júnior CTS, et al. Características pessoais de alunos de um curso de graduação em Medicina participantes e não participantes de um programa de Iniciação Científica [Personal characteristics of students in a graduate course in Medicine in participating and not participating in a program of Scientific Initiation]. *Pulmão RJ*. 2009;18(1):19-22. Disponível em: [http://www.sopterj.com.br/revista/2009\\_18\\_1/07.pdf](http://www.sopterj.com.br/revista/2009_18_1/07.pdf). Acessado em 2010 (20 mai).
4. Cyrillo RJ, Setúbal S, da Silva Júnior CT, et al. Influência de um programa de iniciação científica na produção científica de professores em curso de Medicina no Brasil [Influence of a Scientific Initiation Programme on scientific output of professors on a medical course in Brazil]. *Rev Port Pneumol*. 2008;14(5):635-45.
5. Ferguson E, James D, Madeley L. Factors associated with success in medical school: systematic review of the literature. *BMJ*. 2002;324(7343):952-7.
6. Shine KI. Encouraging clinical research by physician scientists. *JAMA*. 1998;280(16):1442-4.
7. Montes GS. Da implantação de uma disciplina de iniciação científica ao currículo nuclear na graduação em medicina na USP. *Revista Brasileira de Cardiologia*. 2000;2(2):70-7. Disponível em: [http://www.cibersaude.com.br/revistas.asp?fase=r003&tid\\_materia=908](http://www.cibersaude.com.br/revistas.asp?fase=r003&tid_materia=908). Acessado em 2010 (20 mai).
8. Oliveira NA, Alves LA, Luz MR. Iniciação científica na graduação: o que diz o estudante de medicina? [Scientific activities during undergraduate education: what do medical students have to say?] *Rev Bras Educ Méd*. 2008;32(3):309-14.

Data de entrada: 19/5/2010

Data da última modificação: 19/5/2010

Data de aceitação: 24/5/2010